

Incentivos
e EscolhasLuís Cabral
lcabral@stern.nyu.edu

TRUMP

A vitória de Trump pode abrir caminho a uma política económica mais intervencionista. O resultado eleitoral surpreende mas não deixa de ser apenas mais um caso de populismo

Escrevo este artigo na quarta-feira de manhã, com as notícias das eleições nos Estados Unidos ainda frescas. Pouparei o leitor a longas descrições de estado de espírito (surpreendido, chocado, estupefacto, apreensivo, ...), que certamente abundarão nos próximos dias, e vou directo ao assunto: notas soltas sobre a perspectiva da era Trump, escritas por um economista que vive em Nova Iorque (logo, com a especificidade de perspectivas que isso implica).

1 Populismo e popularidade

Num famoso memorando da campanha de (Bill) Clinton em 1992, um dos seus conselheiros explicava que "it's the economy, stupid". Os resultados de terça-feira mostram que é mais do que isso. A depressão económica e a desigualdade entre os super-ricos e os que ficaram para trás claramente contribuem para a insatisfação de uma fatia significativa do eleitorado. No entanto, o que realmente torna pessoas como Trump tão atractivas é a narrativa que acompanha os números: "Os imigrantes roubaram-nos os empregos", "os chineses enriquecem à nossa custa", "os mexicanos são criminosos que quebram o equilíbrio social", etc., etc.

A História oferece-nos múltiplos exemplos de populismos baseados em interpretações de causalidade que, embora simplistas (e erradas), satisfazem o apetite por um bode expiatório.

2 O choque económico Trump

Normalmente, em política, fala-se de choques que puxam

Em vários aspectos da política económica Trump parece-se mais a José Sócrates do que a Passos Coelho

mais para a direita ou que puxam mais para a esquerda. Por exemplo, o recente OE em Portugal marca uma viragem à esquerda relativamente aos OE do anterior governo.

No caso de Trump, é difícil falar nesta linguagem. Concretamente, é provável que a independência do banco central (o Fed) vá pelo cano abaixo, eliminando assim uma das máximas da escola monetarista, normalmente associada aos conservadores. É possível que se comece uma campanha de construção civil para renovar múltiplas infraestruturas envelhecidas, o que parece demasiado keynesiano para um republicano. Por outras palavras, em vários aspectos da política económica Trump parece-se mais a José Sócrates do que a Passos Coelho.

No que respeita à política de comércio internacional, as propostas de Trump, se executadas à letra, seriam simplesmente desastrosas — não só para os Estados Unidos como também para a economia mundial. Nas últimas décadas, cerca de 2 mil milhões de seres humanos foram salvos de níveis de pobreza por vezes extremos. O regresso a um mundo quasi-autárquico representaria um retrocesso enorme nesta trajetória.

Quanto ao programa orçamental, a questão está em saber como fazer as coisas bater certo: entre aumento de despesas (militares e outras), por um lado, e quebras de impostos, por outro, estamos perante quase uma quadratura de círculo.

O que todas estas medidas têm em comum é uma grande dose de incerteza. Podemos gostar mais ou menos de Hillary Clinton, mas o seu programa económico era relativamente previsível. Com Trump é diferente: ele não tem qualquer experiência política, e ao longo dos últimos meses disse muitas coisas diferentes, por vezes contraditórias. E este é o problema: a incerteza é a pior coisa para a actividade económica. Quanto tempo demorará a nova administração a recuperar o clima de confiança que, a julgar pelos movimentos dos mercados, levou um forte abalo?

3 Previsões

Deus criou os meteorologistas para que os economistas não ficassem tão mal. Na nova versão desta anedota, em vez de meteorologistas usamos especialistas em sondagens. Como é possível tanta gente, durante tanto tempo, fazer previsões tão erradas sobre a vitória de Clinton?

A minha explicação — que, para meu espanto, não encontro em lado nenhum — é que muitos dos inquiridos simplesmente têm vergonha de se revelar como votantes de Trump.

Compreendo-os perfeitamente.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aese

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia